



<https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v12.1043>

Resenha

Novos paradigmas da imagem frente às tecnologias: uma resenha de “Políticas da Imagem: vigilância e resistência na dadosfera” de Giselle Beiguelman

New paradigms of image facing technologies: a review of “Image Policies: surveillance and resistance in the datasphere” by Giselle Beiguelman

Lorena Melo Coutinho¹

Priscilla Macêdo²

Resumo

A presente resenha percorre o trajeto elaborado pela pesquisadora Giselle Beiguelman na obra de sua autoria “Políticas da Imagem: vigilância e resistência na dadosfera”. Objetivou-se, através de um olhar crítico, pontuar os principais aspectos delineados no livro, notadamente as temáticas mais sensíveis à criminologia, tendo em vista a recorrente preocupação da autora em abordar temas como controle e vigilância. Nessa toada, Beiguelman expõe sua visão de mundo sobre as tecnologias a partir do elemento central da imagem, escancarando uma nova política que modula vidas e produz subjetividades a partir desse novo paradigma. Ante a singularidade da obra, mediante o olhar interdisciplinar da autora e da atualidade das discussões por ela evidenciadas, este livro mostrou-se ímpar para ser objeto dessa análise, a partir da qual se espera contribuir para o diálogo acadêmico.

Palavras-chave: Giselle Beiguelman. Políticas da Imagem. Tecnologias. Dados. Vigilância.

Abstract

This review follows the path elaborated by the researcher Giselle Beiguelman in her work “Image Policies: surveillance and resistance in the datasphere”. The objective was, through a critical look, to point out the main aspects outlined in the book,

¹ Mestranda em Ciências Criminais pela PUC/RS. Especialista em Direito Penal e Criminologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Advogada. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4925-3784>

E-mail: lorenacoutinho903@gmail.com

² Mestranda em Ciências Criminais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Especialista em Direito Penal e Processual Penal pela UNIT/AL. Advogada. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9643-9488>.

E-mail: priscilla.m@edu.pucrs.br

notably the most sensitive themes to criminology, bearing in mind the author's recurrent concern with addressing themes such as control and surveillance. In this sense, Beiguelman exposes her view of the world about technologies from the central element of the image, opening a new policy that modulates lives and produces subjectivities based on this new paradigm. Given the uniqueness of the work, through the interdisciplinary look of the author and the topicality of the discussions highlighted by her, this book proved to be unique to be the object of this analysis, from which it is hoped to contribute to the academic dialogue.

Keywords: Giselle Beiguelman. Image Policies. Technologies. Data. Surveillance.

O presente texto trata de uma resenha sobre o livro “Políticas da Imagem: vigilância e resistência na dadosfera”, escrito por Giselle Beiguelman e lançado em julho de 2021, o qual se destaca diante das demais obras já realizadas pela autora porquanto reúne temáticas contemporâneas que relacionam os mais diversos campos do saber, desde a comunicação, passando por discussões sociológicas e filosóficas, até debates arquitetônicos e urbanísticos. Tal amálgama, que torna o texto riquíssimo em referenciais, se dá pela heterogênea formação da autora.

Num breve resumo de seu currículo, Giselle Beiguelman é professora livre-docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), graduada em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP em 1984, onde também realizou seu doutorado em História Social, em 1991. Para além da vida acadêmica, Beiguelman é artista, e dentre suas obras se destacam: Memória da Amnésia (2015), Odiolândia (2017), Monumento Nenhum (2019) e Nhonhô (com Ilê Sartuzi, 2020). Dentre seus trabalhos gerais, Giselle pesquisa preservação de arte digital, arte e ativismo na cidade em rede e as estéticas da memória no século XXI, desenvolve projetos de intervenções artísticas no espaço público e com mídias digitais e é autora de vários livros e artigos sobre o nomadismo contemporâneo e as práticas da cultura digital.

É, portanto, a partir desse *locus* que é situada a obra em comento. Suas discussões atravessam questões de estética, uso de tecnologias, mídias e biopolítica, conectando essas pautas para a construção do que a autora vem a chamar de políticas da imagem. Por esse termo, remete-se à “imagem instrumentalizada pela política” que, por sua vez, segundo a autora, é identificada como comunicação, afeto, sociabilidade, produção de linguagens e, claro, embates políticos; sendo, assim, não o palco de representação desses aspectos, mas como o próprio “lugar em que nós ocupamos e que nos vemos dentro”, visão esta que será melhor explicada ao longo

da presente resenha porque ganha uma dimensão central para as discussões que Beiguelman se propõe a travar.³

“A imagem se tornou um campo de batalha”, disse Fernanda Bruno ao elaborar a orelha do livro em comento, que aborda diversos conceitos como *fake news*, *deepfake*, *big data*, datacolonialismo, racismo algorítmico, memes, inteligência artificial, passando por um olhar crítico acerca das técnicas de controle e vigilância, numa biopolítica que dialoga diametralmente com a imagem.

O livro inicia com a apresentação da emergência na contemporaneidade digital de uma reconfiguração do olhar a partir da análise da estética cinematográfica. Beiguelman destaca que essa mudança evidencia “um novo tempo da imagem” (BEIGUELMAN, 2021, p. 25), no qual, conforme denominado pela pesquisadora Joanna Zylinska, o humano perde sua operatividade vez que estas, além de serem produzidas por máquinas, também são direcionadas a serem lidas por elas, a citar como exemplo os QR-Codes e os códigos de barras (BEIGUELMAN, 2021, p. 26). Ademais, a leitura de imagens com a emergência das novas tecnologias transcende a capacidade dos olhos, assume novos horizontes, de forma que o espaço imagético e o espaço do receptor se mesclam (BEIGUELMAN, 2021, p. 29).

Além da discussão acerca da superação das capacidades miméticas intrínsecas ao olhar e à imagem, a escritora salienta o que ela chama de “vertigem do pré-acontecimento” (BEIGUELMAN, 2021, p. 35). O termo referido faz menção à necessidade e à verdadeira busca compulsiva, verificada no século XXI, pela autoexposição através do registro e divulgação de momentos que sequer foram efetivamente vivenciados, “como se a documentação pudesse prescindir do fato e da experiência das coisas” (BEIGUELMAN, 2021, pp. 33-34). Essa compulsão constitui o que a pesquisadora Paula Sibilia denomina por “show do eu”, como referido pela autora (BEIGUELMAN, 2021, p. 40).

Constata-se, nesse sentido, a proeminência assumida pelas redes sociais atuais, espaços em que a produção de imagem apesar de ser intensa, resultando na constituição de novos regimes estéticos, apresenta uma homogeneidade. Sob esse prisma, Giselle Beiguelman traça um paralelo ao aduzir que, enquanto Michel Foucault apresentava reflexões acerca da docilização dos corpos mediante a

³ As referidas falas entre aspas, exclusivamente desse parágrafo, foram retiradas da entrevista concedida por Giselle Beiguelman ao Podcast Tecnopolítica, episódio 107, conforme referência completa grafada ao fim dessa Resenha.

imposição de técnicas de disciplina, na contemporaneidade há um processo de construção do que ela denomina de “olhares dóceis”, ou ainda “olhares banais”, vez que são padronizados com a finalidade de se enquadrarem ao ambiente em que se inserem: o meio das redes sociais (BEIGUELMAN, 2021, p. 46).

Ao longo das reflexões apresentadas na obra, é evidenciado o cruzamento entre a cultura do compartilhamento e a cultura da vigilância. Esse entrelaçamento justifica-se vez que, através do amontoado de dados pessoais jogados na rede, são montados perfis mediante o processo de “profilagem”, o qual nos torna absolutamente rastreáveis ainda que não tenhamos dispositivos acoplados ao corpo, como uma tornozeleira eletrônica. Considerando as novas tecnologias de controle, os sistemas de reconhecimento facial são enfatizados pela autora por capacitarem o exercício de controle a partir de imagens, razão pela qual Beiguelman destaca que “o rosto é a nova digital” (BEIGUELMAN, 2021, p. 54).

O exibicionismo e a interatividade individuais nas redes estão diretamente relacionados à possibilidade de sermos rastreados, de forma que engajamento em mídias sociais e capacidade de vigilância algorítmica estão intrinsecamente coadunados, conduzindo então ao alerta feito pelo artista Adam Harvey em um dos seus pôsteres, de que “a selfie de hoje é o seu perfil biométrico de amanhã”, citado na obra objeto desta resenha (BEIGUELMAN, 2021, p. 71). Mergulhamos tão profundamente numa contemporaneidade permeada de recursos tecnológicos que sequer questionamos ou refletimos sobre a capacidade de exercício de controle sobre nós a partir deles. Naturalizamos a vigilância.

Contudo, a autora faz questão de ressaltar que a vigilância na dadosfera não se dá mais sob o paradigma da Sociedade do Espetáculo, conforme Guy Debord tratava, ou mesmo do panóptico, de acordo com os ensinamentos de Foucault, pois a vigilância já não é manifestada *sobre* todos, senão *entre* todos. O paradigma da vigilância, nesse espectro algorítmico, é, portanto, relacional (BEIGUELMAN, 2021, p. 50 e ss.). “Nessa situação, todos controlam todos, a partir das interações pessoais, e o rastreamento passa a depender da extroversão da intimidade pessoal do sujeito em rede.” (BEIGUELMAN, 2021, p. 65).

Não obstante, apesar de relacional entre indivíduos, essa vigilância é assimétrica quando miramos a relação entre estes e empresas de tecnologia de informação, posto que assim “somos vistos (supervisionados) a partir daquilo que vemos (as imagens que produzimos e os lugares em que estamos)” (BEIGUELMAN,

2021, p. 63), ou seja, essas empresas enxergam a partir de nossos próprios olhos, sem que o contrário possa ser executável. Afinal, quem vigia essas empresas?

Pode-se dizer então que essa forma de vigilância é a nova economia neoliberal, ou, capitalismo de vigilância, nos termos de Shoshana Zuboff, também citada por Beiguelman (ZUBOFF, 2019, pp. 70-107 apud BEIGUELMAN, 2021, p. 65). O conjunto dos dados gerados através da política da imagem formam o *big data*, utilizado com fins de prever as ações do usuário. Através do processo de extração e análise de dados, ao que Beiguelman refere o termo “datacolonialismo”, cunhado por Nick Couldry e Ulises Mejias, e em seguida nos explica como o lucro é auferido por meio dessa lógica:

Um complexo e sofisticado sistema de inteligência artificial é mobilizado, a fim de que seja possível - via oferecimento de recursos de tradução, serviços de armazenamento, comando de voz, mapas e buscas de imagens - inferir, presumir e deduzir o potencial de consumo, endereçando os produtos de forma personalizada aos usuários, de modo a remunerar seus verdadeiros clientes: os anunciantes. (BEIGUELMAN, 2021, p. 65)

O curioso é que essa nova economia tem o poder de rearranjar subjetividades de modo que, ao invés de nos sentirmos ameaçados por esse olhar vigilante que coleta nossos dados, queremos, em verdade, ser vistos e tememos o desaparecimento, o não ser visto (BEIGUELMAN, 2021, p. 67). Ao que Giselle Beiguelman concorda em se tratar de uma nova biopolítica: “uma biopolítica da dadosfera”. (BEIGUELMAN, 2021, p. 71)

Para continuar abordando o tema, Beiguelman nos traz o olhar fotográfico, ressaltando que este sempre esteve envolto do espaço público, fazendo a nossa mediação com a vida urbana; olhar que atravessa a arquitetura e a cidade. No caminho do que já fora apontado aqui, e defendido pela autora, a cidade passa agora a não ser mais mera paisagem presente no imagético, mas ser ela mesma o lugar que nos olha, “compreendida como um espaço de intersecção entre territórios informacionais e físicos, ela se transforma na interface privilegiada das novas tecnologias de imagem” (BEIGUELMAN, 2021, p. 84), convertida então “no lugar por excelência da mediação da vida social por imagens” (BEIGUELMAN, 2021, p. 85).

Aqui surge um novo nicho de mercado, qual seja o das *smart cities*, isto é, cidades projetadas ou planejadas pelos grandes conglomerados de tecnologia de informação como IBM, Cisco e Microsoft, que passam a substituir verdadeiramente

a figura tradicional do urbanista. Essa noção corporativa de *smart cities* passa a converter o espaço urbano em mercado de tecnologias de vigilância, construindo um ambiente urbano que integra uma rede de imagens feitas para não serem vistas, e, pior, serem lidas apenas pelas máquinas, pois carregam em si uma série de camadas e informações que são legíveis somente por estas (BEIGUELMAN, 2021, pp. 96-97).

A autora toca ainda num assunto que está sendo bastante discutido, qual seja o do enviesamento de dados gerador de discriminações algorítmicas, notadamente relativas à misoginia e ao racismo. O primeiro *casting* realizado por sistema de inteligência artificial, orientado para a escolha do ator que assumiria o papel de James Bond, em sucessão a Daniel Craig, é apontado por Beiguelman para escancarar e denunciar práticas de racismo na modelagem algorítmica.

A lógica algorítmica faz sua escolha com base nos dados inseridos por humanos no *software*, a partir do método de interpretação de imagens denominado de visão computacional. Nesse sentido, considerando a ínfima presença de minorias étnicas na indústria cinematográfica, a indicação para o novo ator apresentada pelo sistema foi de Henry Cavill, ator britânico branco. Como esperado, as expectativas do público desejoso da escolha de uma mulher negra foram frustradas (BEIGUELMAN, 2021, pp. 122-124).

As *deepfakes*, imagens fictícias criadas por algoritmos a partir de outras, reais, estocadas em bancos de dados, também são debatidas na obra em comento. Beiguelman explica como se perfaz a “transferência de estilo” de uma imagem real para a confecção de uma nova, irreal, mediante a modulação de particularidades presentes na primeira, a citar, por exemplo, o olhar, o movimento dos lábios e a voz (BEIGUELMAN, 2021, p. 131).

Por vezes as *deepfakes* apresentam falhas que permitem identificar o seu caráter falso. No entanto, assim como existe o aprimoramento de demais máquinas que operam por meio do *machine learning*, reflete-se sobre a condução de nós, seres humanos, ao desenvolvimento de um “olhar algorítmico eugênico” pelos sistemas de inteligência artificial. Nesse novo formato assumido pelo olhar, os *bugs* das *deepfakes* passam a ser imperceptíveis, ou melhor, transformam-se em *deeptrues*, e tudo aquilo — ou aqueles — que destoa do que é eleito como padrão não é enxergado, visualizado ou identificado, ensejando um processo de exclusão social, agora elevado ao nível algorítmico (BEIGUELMAN, 2021, p. 136).

A autora, então, se debruça sobre o novo jogo da política feita pelos governantes, eleitos ou em disputa eleitoral, com larga utilização da imagem, e chama a atenção para o fato de que muito embora a relação entre visual e política não seja nova (*vide* as propagandas totalitaristas largamente utilizadas ao longo dos anos 1930), agora ela recebe uma orientação de outra ordem.

Antes tida como lugar e meio de transmissão de ideias e linguagens, a reprodução imagética passa a ser o próprio campo das tensões políticas. Nas palavras de Beiguelman: “É na imagem, e não a partir dela, que os embates se projetam socialmente. Na explosão de fotos, vídeos e muitos memes que desembocam rapidamente nas redes, a imagem se converte em um dos territórios de disputa mais importantes da atualidade” (BEIGUELMAN, 2021, p. 173). E então cita o exemplo das eleições brasileiras de 2018, em que o então candidato Jair Messias Bolsonaro soube captar e capitalizar as redes sociais na sua campanha.

Fato é que, hodiernamente, as redes sociais são o espaço primordial de construção e realização da política. No caso de Bolsonaro, “mais que veículos de comunicação pessoal, as redes são seu principal canal institucional e o lugar de construção de sua imagem, (...) que é a linguagem pela qual está sendo escrita a história oficial de seu governo” (BEIGUELMAN, 2021, p. 175). Mas é importante perceber que a imagem aqui transcende o seu valor estético, e funciona como elemento simbólico constitutivo de um sistema de comunicação, sendo utilizada como uma verdadeira “retórica visual” (BEIGUELMAN, 2021, p. 179).

Como parte dessa retórica visual, destacamos a produção de memes, da forma como abordada pela autora. Para início da compreensão, tratam-se de imagens de consumo rápido, feitos para o compartilhamento viral, são irônicos e aderem a temas do momento, tendo virado um fenômeno tal que ultrapassou o mundo pop, abarcando também a publicidade e a política, com potencial para subverter as mídias tradicionais. “Para além das piadas com celebridades, torcidas de futebol, novelas e afins, os memes transformaram-se em uma espécie de comentário à queima-roupa de todos os acontecimentos cotidianos, constituindo um noticiário paralelo, baseado em imagens.” (BEIGUELMAN, 2021, p. 180)

Para arrematar, Giselle Beiguelman finaliza seu livro reforçando como os algoritmos são utilizados para realizar vigilância de maneira imperceptível. Sobre isso, a autora relata como a vigilância algorítmica opera de forma naturalizada, e afirma que um indivíduo pode até optar por integrar-se, ou não, às redes sociais

(ainda que isso implique a sua invisibilidade), mas essa opção se torna mais difícil quando miramos o contexto da pandemia do novo coronavírus Sars-Cov-2, em que o compartilhamento dos dados significa a proteção da sua saúde ou o único modo de comunicação social (BEIGUELMAN, 2021, p. 194).

A prática dessa vigilância que não vemos, ou não percebemos, implica em novas práticas de violência social, ocasionada pelo “capitalismo fofinho” de nossa época, definição esta que a autora faz questão de acrescentar às definições de capitalismo de diferentes matizes ideológicos. Em suas palavras, o capitalismo fofinho representa justamente “um regime que celebra, por meio de ícones gordinhos e arredondados, um mundo cor-de-rosa e azul-celeste, que se expressa a partir de onomatopeias, likes e corações, propondo a visão de um mundo em que nada machuca e todos são amigos”. (BEIGUELMAN, 2021, p. 194)

Por todo o acima exposto, em breve síntese, intentou-se ressaltar os principais pontos trazidos por Giselle Beiguelman em seu recente livro lançado. Permeando os aspectos gerais da obra, diante de todas as suas nuances, pode-se ter uma visão ampla do que vem a ser as políticas da imagem, bem como os demais conceitos inovadores, e até mesmo interdisciplinares, tal como abordados pela autora. Essa resenha, portanto, se satisfaz em provocar o/a leitor/a em conhecer o texto original, tal como escrito por Beiguelman, para maior aprofundamento e detalhamento das discussões acima delineadas.

Referências

BEIGUELMAN, Giselle. *Políticas da Imagem: vigilância e resistência na dadosfera*. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

PODCAST TECNOPOLÍTICA #107: *Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera*. Entrevistador: Sergio Amadeu. Entrevistada: Giselle Beiguelman. [S.I.: s.n.], 24 ago. 2021. *Podcast*. Disponível em: <https://tecnopolitica.blog.br/episode/tecnopolitica-107-politicas-da-imagem-vigilancia-e-resistencia-na-dadosfera/>. Acesso em: 25 set. 2021.

*Recebido em: 28/09/2021.
Aprovado em: 26/10/2021.
Publicado em: 29/10/2021.*